



RÖSEL, Martin. De Adão e Eva aos Profetas menores. Experiências de fé no Antigo Testamento. Tradução de Nelson Kilpp. São Leopoldo: Sinodal, 2015, 88 p.

Roger Marcel Wanke¹

Ao longo da história da Igreja, o Antigo Testamento tem sofrido fortes ataques. Marcião, no segundo século e Adolf von Harnack, no início do século 20, são dois exemplos bem conhecidos, de teólogos que tentaram afastar, por diversas razões, o Antigo Testamento do cânone cristão. Atualmente, no contexto europeu, há uma nova tentativa de se fazer isso. O teólogo Notger Slenczka tem, desde 2013, provocado uma discussão novamente a esse respeito e defende que os livros veterotestamentários deveriam ser desclassificados do Cânone e transferidos à categoria de apócrifos. Não convém entrar aqui em detalhes. Mas o que se percebe no contexto do Protestantismo atual é uma forte desvalorização do Antigo Testamento. Talvez motivada por um antisemitismo, ou por um discurso ideológico, que pretende retirar arbitrariamente tudo aquilo que aparenta contradizer os direitos humanos, teorias de gênero, ou o que se tem chamado, irrefletidamente, de politicamente correto. Fato é que hoje, no contexto do protestantismo histórico, há uma tendência *neomarcionista*.

¹ Roger Marcel Wanke (Dr.) é docente na área bíblica, com ênfase em Antigo Testamento, na FLT - Faculdade Luterana de Teologia. Concluiu seu doutorado em 2009, na faculdade de teologia evangélica da *Universidade Friedrich Schiller*, em Jena, na Alemanha, sobre o tema da “*Praesentia Dei – As concepções da Presença de Deus no livro de Jó*”. É Pastor da IECLB - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil desde 1997 e faz parte do Comitê Editorial da Revista *Vox Scripturae*. E-mail: roger.wanke@flt.edu.br.

Por outro lado, no contexto brasileiro, o Antigo Testamento está em alta. Um novo templo de Salomão é erguido em uma das maiores cidades do mundo. Um novo sumo-sacerdote aparece na mídia, prometendo um novo reino de Deus à custa de ofertas de pessoas, que buscam por cura e uma vida próspera. Contudo, infelizmente, o Antigo Testamento não tem sido compreendido da forma correta. Uma tendência literalista e legalista tem se emplacado cada vez, principalmente nesse contexto neopentecostal brasileiro. Narrativas bíblicas são desvinculadas de seu contexto histórico e literário e servem de base para campanhas contra poderes demoníacos. A doutrina da retribuição é marca registrada de um discurso amedrontador, que transforma a graça de Deus em instrumento de bênção ao crente obediente, que é visto como alguém que tem direito de ser próspero e abençoado por Deus.

Enfim, tanto a tendência neomarcionista quanto a tendência neopentecostal de interpretar o Antigo Testamento, fazem dele um refém indefeso, que não tem mais direito de existir, muito menos de ser o que surgiu para ser. Nesse sentido, a publicação do livro *De Adão e Eva aos Profetas Menores*, pela editora Sinodal, vem em boa hora, ajudar o leitor brasileiro a enxergar o Antigo Testamento com outros olhos. O autor, Martin Rösel, professor de Hebraico e Antigo Testamento na Universidade de Rostock, na Alemanha, já é conhecido do público brasileiro, desde a publicação de *Panorama do Antigo Testamento: História – Contexto – Teologia*, em 2009, também pela editora Sinodal². Seu propósito com esse livro é mostrar ao público a diversidade de textos bíblicos que compõem o Antigo Testamento. Essa diversidade, na verdade, expressa, como o próprio subtítulo da obra diz, as experiências de fé que Israel fez com Deus e registrou no que chamamos de Antigo Testamento. Para Rösel, as experiências de fé de Israel com Deus acontecem na história do povo. Deus intervém na história do seu povo e faz história com seu povo. Essa história se reflete nos textos do Antigo Testamento e tem relevância também nos dias de hoje. *De Adão e Eva aos Profetas Menores* foi lançado originalmente em alemão em 2013, pela Evangelische Verlaganstalt de Leipzig, na Alemanha. O título em português é bem fiel à sua versão original alemã: “*Von Adam und Eva bis zu den kleinen Propheten: Glaubenserfahrungen im Alten Testament*”.

O livro apresenta cinco capítulos principais. No *primeiro* (p. 8-17),

² Cf. a resenha desta obra em: WANKE, Roger Marcel. Resenha de RÖSEL, Martin. *Panorama do Antigo Testamento: História – Contexto – Teologia*. Tradução de Nelson Kilpp. São Leopoldo: Sinodal, 2009, 232 p. In: *Vox Scripturae – Revista Teológica Brasileira*. Volume XVIII, Nº1 – maio de 2010 – São Bento do Sul: União Cristã, p. 216-219.

Rösel apresenta o pano de fundo geográfico, político e religioso do contexto no qual Israel surge e, por consequência, seus escritos sagrados. Partindo do chamado “Pequeno Credo Histórico”, de Deuteronômio 26.5-9, o autor apresenta as origens de Israel, salientando, acima de tudo, que “as narrativas do Antigo Testamento querem, em primeiro lugar, apresentar a história *crida* e não têm a pretensão de ser *historiografia objetiva*” (p. 9-10). Esse pressuposto é importante para a compreensão do Antigo Testamento. Contudo, não significa que suas histórias sejam por assim dizer, inventadas. O que Rösel quer destacar aqui, é que tanto o Antigo Testamento, como também textos das tradições dos povos vizinhos, não podem hoje ser avaliados com os mesmos critérios da historiografia moderna. Isso tem implicações sérias tanto para quem lê a Bíblia de forma literalista, quanto historicista. Brevemente, o autor descreve os principais contornos da geografia da Palestina, como uma terra que mana leite e mel, apontando para a importância geográfica, tanto para o desenvolvimento da região, como para a compreensão dos textos bíblicos. Também o conhecimento da geografia política do Antigo Oriente se faz necessário para compreender o Antigo Testamento, a partir das experiências da fé de Israel com seu Deus. A influência que os egípcios, os filisteus, os fenícios, os arameus, os assírios, os babilônios, os persas, os amonitas, os moabitas, os edomitas, bem como todos os que perfazem os povos cananeus, exerceram sobre Israel e sua fé é imensurável. Em meio a tantos conflitos, guerras, relações comerciais e diplomáticas, Israel foi sempre palco de um grande intercâmbio cultural, sociopolítico e religioso. Tanto o Êxodo, a principal tradição e o dado fundamental da história de Israel, bem como os exílios (assírios e babilônicos) deixaram marcas profundas na vida do Povo de Israel, que se refletiram nos textos por ele escritos. Da mesma forma, a fé num Deus único, é destacada por Rösel, como um dos elementos fundantes da religião de Israel e de seus textos sagrados. Rösel entende que a ideia do monoteísmo, aspecto central da religião de Israel, desenvolveu-se a partir das raízes religiosas do Antigo Oriente e transformou-se, através de um longo processo. De fato, pode-se afirmar que a fé prática e a prática da fé em Israel é um processo de transformação do politeísmo ao monoteísmo. Isso ajuda a entender, por exemplo, todo o movimento profético de Israel.

No *segundo capítulo* (p. 18-29), o autor se dedica a abordar a História de Israel. Isso ele faz brevemente, em cinco subtítulos, iniciando sua abordagem com definições acerca da compreensão de história que há no Antigo Testamento. Para Rösel, “as narrativas do Antigo Testamento têm por objetivo mostrar a atuação de Deus no transcurso da história” (p. 19). Depois disso, o autor perpassa os principais episódios dos inícios de Israel, da época dos reis, o exílio e por fim, do domínio persa ao domínio romano. O autor não tem a intenção de entrar nos míni-

mos detalhes desta história, até porque não é seu objetivo escrever uma história de Israel, mas sim apresentar “os dados fundamentais da história de Israel necessários para compreender os textos bíblicos” (p. 19).

Com o título “Os textos: um livro com muitos livros”, Röseler abre o *terceiro capítulo* de seu livro, que por sinal é também o de maior abrangência (p. 30-67). Aqui o autor aborda, num primeiro momento, as questões básicas e introdutórias à compreensão dos textos do Antigo Testamento, como por exemplo, a origem do nome e a estrutura do Antigo Testamento, o idioma hebraico e as traduções, aqui considerando o contexto alemão (p. 30-34). Num segundo momento, Röseler aborda os livros do Antigo Testamento em sua sequência protestante, iniciando pelos livros que compõem a *Torá*, ou também conhecidos como *Pentateuco* (p. 35-44). Depois, aborda os *livros históricos*, de Josué até Ester (p. 44-50). Na sequência, segue abordando os *livros poéticos e sapienciais*, de Jó, Salmos até os chamados por ele de livros de Salomão (p. 50-56). Concluindo o terceiro capítulo, Röseler aborda os *livros proféticos* (p. 56-67). Para Röseler, “a Torá deve ser entendida como uma grande narrativa sobre os inícios da história de Israel” (p. 35). No caso de Gênesis, seu objetivo é “explicar os fundamentos do mundo e as origens da história de Israel” (p. 37). Röseler reconhece o caráter aberto do livro de Gênesis, que termina apontando para além de si mesmo, ou seja, com promessas, que se cumprirão apenas nos demais livros históricos. No caso do livro de Êxodo, o autor destaca a estrutura do livro correspondente à noção hebraica de lei, que num primeiro momento relata o ato salvador de Deus, formando o fundamento da aliança de Deus com Israel e depois, num segundo momento, apresentando a resposta do povo a esse ato salvífico, comprometendo-se a obedecer a Deus, cumprindo os mandamentos desta aliança. Röseler também destaca as coletâneas de leis do Antigo Testamento, que surgiram como reação a experiências históricas, como por exemplo, a destruição do templo. Sobre Levítico e Números, abordados por Röseler em conjunto, ficam evidenciados os textos que regulamentam o culto e o convívio dos israelitas (p. 41-42). Destaque especial ganha o livro de Deuteronômio. Para Röseler, neste livro o tema central é a teologia da adoração exclusiva a Deus. Por isso, para ele o livro de Deuteronômio desempenha um papel fundamental na teologia veterotestamentária, vindo a se tornar chave de interpretação da história de Israel e critério fundamental para entender, acima de tudo, os livros históricos que o seguem (p. 42-44). Essa dimensão teológica e critério hermenêutico de Deuteronômio são retomados por Röseler em sua abordagem dos livros de Josué, Juizes, Samuel e Reis. O autor também deixa clara a distinção que se deve fazer nos livros históricos veterotestamentários, considerando que no “Antigo Testamento, fala-se de formas diversas sobre as diferentes épocas da história de Deus com o seu

povo” (p. 44). Essa distinção deve ser levada em conta, principalmente quando se lê os livros de Crônicas, que recontam de forma diferente o conteúdo abordado desde Gênesis até 2 Reis. Ao abordar os livros poéticos e sapienciais, Rösel destaca as semelhanças existentes nesses livros, quanto à forma poética, baseada na construção dos paralelismos, e quanto ao conteúdo, orientado pela noção do nexó existente entre o comportamento e o destino do ser humano, conhecida também como doutrina da retribuição. Essa noção de nexó entre comportamento e destino é, no caso de Jó, questionada. Por isso, o livro é conhecido por abordar a crise da sabedoria. Para Rösel, o livro de Salmos tem um valor inestimável para a espiritualidade cristã. Para ele, “desde a exaltação da criação de Deus até o lamento que nasce da aflição, todos os temas importantes do Antigo Testamento aparecem nos Salmos” (p. 53). Concluindo essa parte, o autor aborda os três livros sapienciais atribuídos a Salomão: Provérbios, Eclesiastes e Cantares. Sobre os livros proféticos, a última parte do terceiro capítulo do livro, Rösel destaca que eles se caracterizam basicamente por uma “tensão entre ameaças de desgraças e anúncios de salvação” (p. 56). De forma exclusiva o autor aborda a coletânea de Isaías, considerando dessa forma o que a pesquisa exegética tem descoberto há mais tempo sobre o surgimento do maior livro profético veterotestamentário. Depois segue em sua abordagem com o livro de Jeremias ao lado de Lamentações. Por fim, aborda o livro de Ezequiel e Daniel. Sobre esse último, Rösel reconhece que é o livro mais recente da Bíblia Hebraica, sendo representante do movimento apocalíptico. Os Doze Profetas, também chamados de Profetas Menores são abordados pelo autor em um bloco somente, destacando que eles “contêm os textos proféticos mais antigos e refletem um período de mais de 400 anos” (p. 64). Ao final dessa abordagem, Rösel conclui fazendo uma ponte com o Novo Testamento, afirmando que “o Antigo Testamento cristão conclui com a esperança da salvação futura, cujo cumprimento é relatado no Novo Testamento” (p. 66).

O *quarto capítulo* tem como objetivo abordar os temas teológicos centrais do Antigo Testamento, destacando para a sua relevância ontem e hoje. Dois motivos distintos são para Rösel a razão pela qual o Antigo Testamento é importante para os cristãos. O primeiro é o fato de que o Novo Testamento só é compreensível com o Antigo Testamento. Isso se deve à linguagem e ao conteúdo que o Novo Testamento pressupõe, sem explicar. O segundo é o fato de haver temas que só são abordados no próprio Antigo Testamento de forma mais abrangente. Rösel cita aqui, neste contexto, a teologia da criação e o livro de Salmos. Exatamente esses temas são abordados na sequência por Rösel. Ele inicia falando da criação (p. 68-70), sobre a qual destaca que no Antigo Testamento, não há uma única ideia de criação, mas que todas as que são trazidas por ele são unânimes em afirmar que

o Deus de Israel é o criador do céu e da terra. O tema criação na tradição veterotestamentária é fruto do diálogo de Israel com o seu meio. O segundo tema abordado por Rösel é o culto (p. 70-74), que se caracteriza por servir e louvar a Deus. O contexto religioso no qual Israel surge é inimaginável sem o culto. Rösel destaca os ritos sacrificiais, o Tabernáculo, o Templo em Jerusalém, bem como as festas e o livro de Salmos como elementos constitutivos e fundantes do culto de Israel. O terceiro tema abordado são os Mandamentos e as Leis (p. 74-76). Rösel destaca o caráter universal da lei de Israel, a partir da descoberta do Código de Hamurabi por volta de 1700 a.C.. Contudo, deixa evidente que os mandamentos são dados a Israel no contexto da aliança de Deus com seu povo. Por isso, “o compromisso de servir a Deus e cumprir seus mandamentos é resposta humana à promessa divina de salvação” (p. 75). O quarto tema aborda o Messias e a esperança de um futuro venturoso (p. 76-78). Rösel aborda a problemática deste tema, principalmente no que tange às concepções e expectativas messiânicas, encontradas já dentro dos próprios textos veterotestamentários. Rösel não deixa de mencionar que, “os textos messiânicos do Antigo Testamento formaram o pano de fundo hermenêutico quando se começou a registrar por escrito a vida e a importância salvífica de Jesus” (p. 78). Por último, Rösel aborda o tema acerca do nome e do ser de Deus (p. 78-81). Partindo do texto de Êxodo 3, o autor apresenta os principais aspectos da revelação de Deus como YHWH. Bem importante é sua posição sobre a relevância desse tema para os dias de hoje. Ao abordar o aspecto dialético e inseparável do ser e do agir de Deus no Antigo Testamento, Rösel entende como reducionismo quando se afirma que o Deus de Israel é um Deus da violência e o Deus do Novo Testamento é um Deus do amor. Para ele, “o Deus cristão não é outro senão o Deus de Israel” (p. 81).

Por fim, o *quinto capítulo*, pode ser caracterizado por uma palavra final do autor sobre a relevância do Antigo Testamento (p. 82-83). O título do breve capítulo é uma pergunta: Por que ler o Antigo Testamento? Essa pergunta surge, pois ao ler o Antigo Testamento se evidencia “a multiplicidade de vozes com que Israel expressa suas experiências de fé”. Essa fé está relacionada, sobretudo com a história de Israel com Deus. Em cada época dessa história, Israel enfrentou novos desafios e buscou por respostas e as manifestou de diferentes formas. Essa multiplicidade é apresentada pelo autor em seu livro. Rösel responde que por causa disso, o Antigo Testamento “é um livro admiravelmente aberto e moderno” (p. 83), pois tanto no âmbito pessoal, como coletivo tem sido reinterpretado também hoje. Não por último, o Antigo Testamento, segundo Rösel, é também prazeroso de ser lido como obra literária, com seus diversos gêneros literários, seu conteúdo instigante e pelo seu caráter dialógico.

Metodologicamente, o livro é bem construído. Rösel segue uma ordem lógica e sua apresentação é bastante didática. Por essa razão, o livro poderia ser considerado uma pequena introdução ao Antigo Testamento, que pode ser usado em pequenos grupos de estudo. Didática é também a diagramação do livro, que permite ao leitor revisar o conteúdo lido por meio de frases destacadas à margem, que resumem o conteúdo abordado. Para estudantes de teologia em fase de conclusão de curso, o livro de Rösel é uma excelente revisão dos principais pontos literários e históricos do Antigo Testamento e um bom preparo para exames e provas.

Como auxílios aos leitores, o livro apresenta ainda uma série de ilustrações epigráficas e iconográficas, uma série de tabelas explicativas, dois mapas (p. 84-85), um mostrando a região do Mundo do Antigo Testamento, geralmente encontrado nas Bíblias e outro, destacando a região da Palestina. Além disso, a edição em português apresenta no final uma lista de Literatura de aprofundamento (p. 86-87), com sugestões de versões da Bíblia em língua portuguesa, léxicos e atlas, introduções ao Antigo Testamento, de cunho mais acadêmico e científico, outras de cunho mais popular, indicação de séries de comentários bíblicos, considerando com razão que as mesmas, infelizmente, estão incompletas, a indicação de periódicos, dando destaque para a *Estudos Bíblicos*, da Editora Vozes e, por fim, sugestão de literatura que aborda temas bíblico-teológicos do Antigo Testamento.

Lendo o livro de Rösel criticamente, podem-se questionar, num primeiro momento, os pressupostos do autor. Ao escrever *De Adão e Eva aos Profetas Menores*, Rösel tem diante de si leitores cultos e conhecedores, principalmente, dos resultados mais atuais das pesquisas exegéticas no contexto da ciência veterotestamentária. O autor não explica várias questões, que são simplesmente apresentadas como verdades absolutas, como por exemplo, os problemas históricos do período da Proto-História de Israel, a hipótese na pesquisa de que os patriarcas não seriam parentes entre si, o fato da arqueologia ter comprovado que as batalhas sangrentas narradas em Josué não aconteceram historicamente, a formação dos livros proféticos, entre outros. Isso, em grande medida, não é um problema. A intenção de Rösel, de fato, não é escrever exaustivamente sobre essas questões discutidas na pesquisa. Talvez o problema maior não esteja no autor, mas sim no leitor, que ao ler o que não entende ou o que questiona, deveria aprofundar esses temas por meio de outra literatura. Essa é, quem sabe, a razão pela qual a editora Sinodal incluiu ao final uma lista de literatura de aprofundamento. Para o leitor brasileiro, não tão acostumado com os resultados da pesquisa exegética europeia, principalmente alemã, poder ter um melhor proveito deste livro de Rösel e poder formar sua opinião sobre os temas aqui tratados será fundamental. Outro fator a mencionar aqui é a respeito da tese principal de Rösel. Para ele, as experiências de fé de Israel

com Deus são plurais. Essa diversidade e multiplicidade estão diretamente refletidas nos livros bíblicos do Antigo Testamento. Essa diversidade e multiplicidade de vozes no Antigo Testamento é fato. Nisso o autor tem razão e isso é bom, que o leitor brasileiro possa ter à mão essas informações de forma sucinta e compacta, como oferece Rösel em seu livro. Contudo, precisa-se cuidar para não interpretar essa pluralidade à luz do modismo pós-moderno que evidencia e apregoa a diversidade e pluralidade a todo custo. O Antigo Testamento não pode ser usado para legitimar a pluralidade que tenta implantar goela abaixo e que anula toda e qualquer identidade e unidade. Apesar de toda a sua pluralidade, o Antigo Testamento é unânime em falar do pecado do ser humano, como afastamento total de Deus e de sua Palavra. O Antigo Testamento também é unânime em falar da iniciativa de Deus em buscar e salvar esse ser humano pecador. O monoteísmo tão criticado atualmente também faz parte da identidade e da unidade do Antigo Testamento. Ao ler o livro de Rösel, não se percebe em nenhum momento essa tendência nas colocações do autor. Mas ela é latente entre os leitores, que poderiam interpretar Rösel de forma errada. Cabe aqui, portanto, esse alerta.

A despeito dessas poucas questões críticas, o livro de Rösel tem um caráter muito especial. Ele procura deixar claro para o leitor, que o Antigo Testamento faz parte inalienável da Bíblia cristã. Para Rösel, “menosprezamos a Bíblia judaica quando consideramos, de forma generalizada, o Antigo Testamento um livro da violência” (p. 5). E ainda, “Um cristianismo que desconhece os escritos da primeira aliança de Deus com seu povo nada sabe sobre sua origem” (p. 6). O livro de Rösel, portanto, é um convite para ler o Antigo Testamento com entusiasmo, pois também hoje ele desperta em seus leitores experiências de fé, pois foi escrito há muito tempo e por muitas mãos, exatamente para esse fim!